

***Arraial! Arraial! Arraial! Por Virgem da Fátima, Rainha de Portugal!
Visita da Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima à Madeira, em Abril de 1948***

A imprensa da época descreveu este acontecimento como “impressionante”, “inesquecível”, “apoteótico”. Era generalizada na sociedade madeirense a consciência de viver um momento histórico, e a detalhada reportagem dos fotógrafos *Perestrellos* atesta com singular força até que ponto estavam irmanados aos pés da Virgem pessoas de todas as idades e condições, do Funchal e das freguesias rurais, leigos e consagrados, as autoridades civis e religiosas. Como se lá estivéssemos, descobrimos o júbilo e a devoção unânimes, mas também o civismo e a grande dignidade com que a Virgem Peregrina de Fátima foi recebida entre nós, numa breve escala entre a Europa, onde visitara vários países, e o Império Colonial Português. Para melhor entender todo o alcance desta visita, trinta anos depois das aparições da Virgem a três pastorinhos, entre azinheiras, na Cova da Iria, olhemos para a nossa história, para a psicologia do nosso povo, para a realidade mundial em 1948.

Esta terra é de devoção mariana desde sempre, como atestam, por todo o arquipélago, as centenas de capelas e igrejas dedicadas a Maria e a própria Sé do Funchal, consagrada a Nossa Senhora da Assunção. O culto de Nossa Senhora do Monte, padroeira da diocese do Funchal, a cuja intercessão se atribuíam factos extraordinários e cujas confrarias, estabelecidas em todas as paróquias madeirenses por iniciativa do bispo D. João do Nascimento, recolheram afanosamente esmolas para reparar a igreja do Monte depois do terramoto de 1748; a festa de 9 de outubro em honra do Patrocínio de Nossa Senhora, instituída depois da terrível aluvião de 1803, o misticismo de madre Virginia Brites da Paixão (1860/1929), modesta freira de Santa Clara a quem Deus inspirou o culto do Imaculado Coração de Maria são outras tantas expressões da religiosidade do povo da Madeira – “naturalmente crente, duma fé sincera”, embora dominada mais pelo sentimento do que pela razão, segundo o Padre Eduardo Pereira. A vida áspera em meio de uma paisagem desafiante para a vida do homem mas grandiosa dispunha a nossa gente a acolher com simplicidade os relatos sensacionais das aparições de 1917 em Fátima, os encontros das crianças com o Anjo da Paz, que os ensinara a rezar prostrados, e sobretudo com a Senhora “mais brilhante que o sol”, que lhes pedia: “Rezai, rezai muito, e fazei sacrifícios pelos pecadores”. Sobretudo, eram bem vivas, em 1948, as feridas materiais e espirituais das recentes guerras na Europa, para mais dilacerada pela violência das ditaduras nazista e comunista; ainda doía aos madeirenses o sacrifício vão de inúmeros compatriotas no esforço da I Grande Guerra, o sofrimento de muitos sobreviventes. Impressionados pelos padecimentos do Imperador da Austria-Hungria exilado e tragicamente falecido no Monte, compadeciam-se dos refugiados que fugiam da II Grande Guerra, a que Portugal fôra poupado pela diplomacia de Salazar.

Assim, os madeirenses acorreram em massa junto da branca imagem que o mar trazia, tão alegres como subiam à serra nas grandes romarias de Nossa Senhora do Monte, para pedir a cura dos que sofriam e a Paz, pela conversão dos pecadores. Na tipicidade do seu modo de estar e de trajar, que estas fotografias captam, pouco distam dos romeiros que Alberto I do Mónaco, notável oceanógrafo, descreveu no seu *Diário* em agosto de 1911, desembarcando de pequenos barcos vindos de todos os pontos do litoral da ilha, envergando roupas muito limpas e a bota amarela característica. Unidos numa vibrante afirmação de Fé, ilustram aquela “identidade de consciência religiosa” que o Estado Novo, por determinação do então Presidente do Conselho, consistentemente reconheceu e promoveu, e quase nos parece ouvi-los entoar, incansavelmente repetindo: *Um terno adeus de saudade / Te dão hoje os filhos Teus! / Adeus, Mãe de bondade, / Rainha dos Céus, adeus!*

Texto de Maria Favila Vieira da Cunha Paredes, arquivista